

O bate-papo em uma rede social: um olhar linguístico sobre as interações entre professor e alunos

Karine Correia dos Santos de Oliveira*
Priscilla Chantal Duarte Silva**

Resumo

Este artigo objetiva analisar as formas de abertura, fechamento e os tópicos discursivos de um bate-papo em uma rede social virtual, buscando compreender um pouco sobre as interações ocorridas entre professor e alunos. O interesse pelas relações imbricadas entre discursos sobre a atuação do professor de língua materna foi o motivador do trabalho, resultado de discussões entre as duas professoras autoras da pesquisa. Trata-se de uma abordagem a partir de uma metodologia qualitativa, apoiada no método de registro e análise documental de vinte e três eventos, dentre os quais apresentaremos sete representantes. As conclusões preliminares dos aspectos linguísticos analisados demonstram que o discurso escolar impera nos tópicos discursivos. Os recursos de abertura demonstram rompimentos com o princípio de alternância dos turnos ou conversações negociadas em torno de um tópico central. Apenas em um dos eventos o princípio se manteve, demonstrando um maior engajamento entre os interlocutores. As formas de fechamento apresentaram uma tendência do professor em justificar sua saída do bate-papo com tópicos do domínio escolar, o que não ocorreu em um fechamento de um evento ocorrido no período de férias.

Palavras-chave: Chat. Abertura. Fechamento. Tópico discursivo.

* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES —, sob orientação da Professora Doutora Juliana Alves Assis — Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Email: karineletras@yahoo.com.br. Tel.: (31) 97668566

A linguagem consiste em um “produto de interação de dois indivíduos socialmente organizados”. (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006, p.116). Dessa forma, a presença de, pelo menos, duas pessoas no processo de comunicação prevê a existência de uma enunciação, gerando trocas comunicativas. Partindo desse princípio, procuramos analisar a condução da abertura, do fechamento e da temática de interações em bate-papos virtuais (*chat*) de uma rede social entre professor e alunos, tanto da educação básica quanto de nível superior, na tentativa de verificar regularidades nas práticas languageiras nos registros observados.

Como é sabido, as formas de interação *on-line* são bastante praticadas como meio de comunicação nas práticas discursivas atuais. Dessa maneira, a internet tem sido um importante suporte de trocas linguísticas. Com isso, novas práticas discursivas foram surgindo. Para Marcuschi (2004, p.13), “na atual sociedade da informação, a internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo”. A “e-comunicação”, por sua vez, trouxe consigo a abertura de novos gêneros textuais, na esfera digital, e uma nova concepção de interação social.

Com efeito, muitas instituições educativas têm utilizado as ferramentas do *Facebook* como uma estratégia de instigação às trocas comunicativas entre participantes, de forma a facilitar a interação e o contato entre si, pela rapidez da veiculação, o que não deixa de ser uma prática de uso do letramento digital, já que se trata de uma nova adaptação do leitor diante do suporte digital. Como bem lembra Ribeiro (2005, p.134), “os gêneros de texto existem em consonância com seus suportes” e as novas formas de ler e escrever com as quais o leitor/escritor se depara compreende o letramento. Em outra esfera, podemos observar que o sucesso do *Facebook* e de outras redes sociais expandiu a possibilidade de interação em várias situações do cotidiano, contendo tópicos discursivos dos mais diversos, com recursos de multimodalidades. Como nos mostra Marcuschi:

** Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, professora da Universidade Federal de Itabira — Campus Avançado de Itabira. Rua Irmã Ivone - Drummond, nº 200, sala 405, Distrito Industrial II Itabira - MG - CEP: 35903-087. Email: priscilla-chantal@unifei.edu.br. Tel.: (31)3834-3544

parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados. (MARCUSCHI, 2004, p.13)

Embora as redes sociais permitam certas proximidades, as conversações entre professor e alunos, nesses ambientes, tendem a girar em torno do discurso didático. Sob esse aspecto, este estudo também ilumina regularidades que justificam escolhas lexicais empregadas nessas conversações, bem como a influência dos papéis discursivos sobre as formas de interação entre os sujeitos interactantes. Assim, a interação é tomada como categoria de análise dos fatos da linguagem, buscando avançar na abordagem do sistema da língua, do gênero ou de outras sistemáticas orientadoras de pesquisas linguísticas. A continuidade dos estudos interacionistas envolve o enfrentamento de duas preocupações: a falta de definição teórico-metodológica nos estudos e a confusão feita, por alguns, entre comunicação e interação (MORATO, 2001). A primeira inquietação, segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), foi o que levou linguistas a, antes da década de 1980, delimitarem, inicialmente, os fenômenos conversacionais à análise de discursos escritos.

Uma leitura sobre fala e escrita em gêneros textuais digitais

Fávero (2010) avalia como desnecessárias as discussões na tentativa de determinar se os gêneros textuais da interação virtual estão associados às modalidades faladas ou escritas da língua/linguagem, argumentando que os gêneros textuais, *chat* educacional e casual, no ambiente virtual, em seus postulados, "guardam muitas semelhanças com a interação face a face" (FÁVERO, 2010, p. 110). A interação face a face é considerada como um gênero textual do "gênero medial" conversa. Atribuir a função de mediadora ao gênero discursivo conversa, no trabalho estudado, parece ser uma tentativa de conferir um poder às práticas orais em relação às escritas, considerando estas como histórica, social e cognitivamente mais recentes e, por isso, ainda hoje, menos presentes na vida cotidiana e, até mesmo, profissional, de alguns grupos sociais. O pressuposto é também o de Marcuschi (2003), que defende a importância de investigações e sistematizações sobre a modalidade oral (com seus respectivos gêneros textuais) na/para a inserção de sujeitos em práticas escritas/letradas. Para o mesmo autor, em trabalho anterior, a "cultura eletrônica", assim como a escrita, possibilitou o surgimento de novos gêneros orais e escritos (MARCUSCHI, 2002, p. 19). Porém, o mesmo autor nos lembra que a tecnologia digital é dependente da modalidade escrita, o que implica dizer que, embora haja semelhanças com a interação face a face, o meio digital favorece à escrita tal soberania. "Na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e som" (MARCUSCHI, 2004, p.19).

Não se trata, porém, de defender aqui um gênero textual. A respeito, Marcuschi (2002) sugere cautela na importância da função para a determinação dos gêneros textuais, porque, em alguns, a forma pode ser mais definidora ou, até mesmo, o suporte e a situação discursiva essenciais ao gênero textual. As funções dos gêneros são associadas a processos comunicativos, cognitivos e institucionais que, na questão da transmutação de gêneros entre as ambiências real/virtual, por exemplo, exercem grande poder. Nesse contexto, Marcuschi (2004) destaca que não se trata de um sistema em que há uma fala por escrito, mas um hibridismo com representações semióticas. Sendo assim, a proposta é verificar de que forma os modos de interagir linguisticamente são

expostos nas redes sociais.

Em princípio, o meio eletrônico oferece peculiaridades para os usos sociocomunicativos, inexistentes na interação face a face. Em seus trabalhos, Fávero (2010) associa, por exemplo, as ocorrências linguísticas "*on-line*" e "*X. entra na sala*" (das ferramentas) à menor ausência de marcadores fáticos nas interações analisadas no *chat* educacional e a maior presença desses nas interações provenientes do *chat* casual, MSN, aumentando o nível de engajamento no espaço virtual. Essa avaliação da análise estremece a desconsideração de investigações voltadas para marcas dos gêneros virtuais.

Fica claro que o principal objetivo de Fávero (2010) é negar a oposição entre fala e escrita e, talvez, a oposição entre virtual e real. Contudo, as especificidades relativas ao uso da ferramenta merecem atenção. Não podemos pensar na ambiência digital como um espaço de mais reprodução de aspectos da vida cotidiana menos monitorada. Existem, por exemplo, situações em que muitas empresas se valem do hiperespaço da *internet* para conhecer aspectos a respeito de seus candidatos a vagas, indicando, cada vez mais, uma formalização ou monitoramento das práticas no ambiente digital.

Assis (2002) defende uma análise cuidadosa para com as especificidades das interações, pois até mesmo às ligadas a ferramentas podem ser definidoras de aspectos do gênero textual analisado. A aposta na importância das características próprias de cada gênero analisado evita relacionar uma determinada ocorrência a somente a modalidade oral ou escrita, separando-as. Uma vez pressupostos alguns aspectos, esses podem, até mesmo, não se enquadrarem somente nas práticas orais ou escritas. Para Marcuschi, Assis aposta na existência de um *continuum* de gêneros textuais orais e escritos mais ou menos interdependentes, dependendo das especificidades de cada interação ou, até mesmo, das práticas, que podem, ao longo das análises, possibilitar o entendimento da existência de um gênero textual diferente (MARCUSCHI, 2003).

Análise das conversações: estudo comparativo entre o bate-papo educacional e casual quanto à abertura e ao fechamento dos eventos linguísticos

É sabido que a rede social *Facebook* contempla uma rede de contatos interpessoais para diversas trocas comunicativas. Nesse ambiente, o internauta pode publicar mensagens, convidar pessoas para eventos, fornecer e receber informações de múltiplas modalidades, compartilhar e comentar arquivos ou textos, formar grupos de discussão, contatar pessoas, expor dados pessoais, como página particular e perfil na rede. Além dessas funções, a opção de entrar em contato com as pessoas previamente autorizadas, por meio de um *chat* com ferramentas de áudio e vídeo em tempo real, trouxe ao *Facebook* algo de peculiar: agregar comunidade de amigos e/ou conhecidos para interação, numa mesma página da internet. Essa articulação otimizou as formas de relações interpessoais, uma vez que foi possível somar ferramentas de redes sociais, antes separadas em cada *software* ou *site* específico.

Além do tópico discursivo "campeonato", as conversações entre professor e alunos, aqui analisadas, apresentam outros vinculados ao discurso escolar como, por exemplo, dúvidas sobre o "para casa" e saudações, apesar da tentativa de esclarecimento, entre interlocutores, sobre o principal objetivo dos docentes com as trocas dos endereços eletrônicos. Por um lado, tais circunstâncias inesperadas podem ser efeito do uso do gênero textual *chat* integrado a um sem função escolar formal, o *Facebook*. Por outro lado, a decisão pelo uso da rede social virtual partiu da necessidade quase imediata por contatos diários entre professores e alunos, uma vez que o *site* da instituição escolar impossibilitaria o diálogo pela internet, por não conter um aplicativo

propiciador de trocas simultâneas. A mediação das interações por uma ferramenta da escola não excluiria todas as prováveis ocorrências inesperadas, pois Bakhtin (2003) explica que os gêneros discursivos fazem parte de toda e qualquer prática humana.

A elaboração de outros aplicativos a fim de resolver questões imediatas do cotidiano impossibilitaria a troca verbal. Em outras palavras, as demandas por novas práticas sistemáticas podem se valer de gêneros textuais elaborados para outros fins ou por meio de outras sistematicidades e objetivos, como ocorrido na decisão de adotar o *site Facebook* como mediador de uma atividade de um grupo de professores. A mediação de interações por meio de gêneros textuais do ambiente virtual, ou daqueles que funcionam a partir de outras tecnologias, pode aumentar ou diminuir os limites entre o planejamento das práticas e o realmente ocorrido, mas não provocar um rompimento total, porque os gêneros textuais são artefatos simbólicos responsáveis por mudanças e também por repetições de práticas (MARCUSCHI, 2002). Em uma questão dialética como essa, Bakhtin, defensor de um rompimento com as dualidades para/sobre a construção de conhecimentos, “busca apreender o sentido na junção entre a ordem da língua convencionada e a “des-ordem” das situações irrepetíveis do intercâmbio verbal, que é na verdade, como mostram as gramáticas da língua falada, outra modalidade de ordem.” (SOBRAL, 2010, p. 55).

No bate-papo analisado, os papéis sociais são mais ou menos marcados, dependendo do preenchimento do perfil do usuário, da instituição, das postagens, da lista de amigos etc. Os grupos sociais, a faixa etária e os interesses dos usuários variam, possibilitando trocas conversacionais passíveis de estudos sobre aspectos relacionados aos diferentes usos e funcionamentos da linguagem verbal no ambiente virtual. É essencial esclarecer a interação verbal, na perspectiva aqui assumida, como uma atividade cooperativa e coordenada ativamente por dois ou mais participantes (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2006). Tal pressuposto é importante, visto que justifica a análise de alguns itens linguísticos com uma função diferente de alguma considerada como mais recorrente em determinadas ambiências.

Assim, a escolha pelo gênero bate-papo do *Facebook*, mediando interações entre professor e alunos, objetiva um estudo sobre o funcionamento do gênero textual entre os referidos atores sociais, mais especificamente, os modos de abertura, fechamento e os tópicos discursivos.

No *site* com serviço de rede social é possível a troca de mensagens por meio do aplicativo bate-papo, um *chat* com uma lista personalizada de possíveis interlocutores com um sinal verde, significando presença ou com a cor cinza para ausência. Contatos reservados e simultâneos, motivados por diferentes objetivos e pessoas, são previstos.

O estímulo público, via mensagens no mural do *Facebook*, à participação dos alunos nas gincanas da instituição era o principal objetivo das trocas entre docente e alunos. Porém, como já mencionado, vários alunos solicitaram contato, por meio do recurso do *chat*, apresentando, por exemplo, dúvidas sobre a atividade de casa (semanalmente lançada no *site* da escola), saudações, comentários sobre o provável desempenho em avaliações, dentre outras.

A abertura dos próximos três eventos ocorre por meio de um vocativo ou um cumprimento. Além disso, os tópicos discursivos são, de alguma maneira, considerando as especificidades exploradas na análise de cada um, vinculados ao discurso escolar. Note-se que o mesmo turno conversacional é composto pelo tópico discursivo e pelo vocativo ou cumprimento.

Vejamos como isso ocorre no primeiro:

Exemplo 1

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
15/05/2012	21h11 ¹	SABRINA ²	CAROLINA	CAROLINA! ³ VC DEU DEVER DE PORT ?
15/05/2012	21h15	CAROLINA	SABRINA	Não

¹ A ferramenta não registra os segundos.

² Substituímos os nomes reais a fim de preservar a identidade dos envolvidos.

³ Decidimos inserir, neste trabalho, os dados sem interferir na forma original, pois a pontuação, a repetição de algumas vogais, os erros de digitação, de grafia, de abreviação e a variação entre maiúsculas e minúsculas indicam irregularidades específicas quando comparadas àquelas observadas em outras situações, consideradas como desvio do uso normativo da língua tanto na modalidade oral como escrita. Dessa maneira, registramos algumas regras observadas e mantidas.

Na sobreposição dos dois primeiros turnos, a invocação não funciona como averiguação de disponibilidade e nem mesmo como uma saudação, pois a pergunta acompanha a saudação sem a resposta da interlocutora. A ocorrência indica um efeito da presença da informação on-line com um sinal verde no programa como indício de disponibilidade imediata do interlocutor para atender a interpelação. A ocorrência de dois turnos seguidos da locutora Sabrina provoca um distanciamento interpessoal que, nessa análise, é considerado como efeito do jogo estabelecido entre os turnos, uma vez que a interlocutora apenas responde a pergunta sem retomar a invocação com uma saudação, por exemplo. O nome da profissional no início do turno funciona como uma espécie de vocativo, considerando que o mais importante ou o que leva a atitude responsiva da professora é o tópico discursivo sobre a tarefa a ser feita em casa.

O próximo exemplo é semelhante. A abertura da conversação com a estrutura "oii" é seguida por outra dúvida sobre o "para casa". A repetição da vogal "i" e da pontuação marca uma tentativa de aproximação e aumenta, em alguma medida, a importância da pergunta, significando também a retomada do conteúdo lido. A repetição das vogais e da pontuação também funciona como um sinal de uma inquietude maior do que ocorreria em um questionamento sem tal marca, nessa ocorrência.

Exemplo 2

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
01/08/2012	22h30	DENISE	CAROLINA	oii o para casa era da apostila nova???
01/08/2012	22h30	CAROLINA	DENISE	ISSO

A dúvida sobre a mudança ou não da apostila pode ser resultante da falta da discente à aula anterior, da incompreensão das orientações em sala de aula ou pode, até mesmo, se vincular a outros motivos não recuperados na análise. Apesar das marcas de tentativa de proximidade apontadas antes, a resposta da professora é, mais uma vez, correspondente ao tópico educacional, podendo, talvez, fortalecer a assimetria da conversação entre docente e discente. A economia lexical verificada nos turnos da interlocutora, nos dois exemplos analisados, pode também ser associada à própria necessidade de rapidez da comunicação justificadora da integração de práticas virtuais a vários espaços formativos e, mais especificamente, na ambiência escolar. (ASSIS, 2002). Há que se considerar outro aspecto do site Facebook: a seleção de alguém para o envio de uma mensagem pressupõe que o outro já saberá quem é pela presença do nome e da foto. Não há a necessidade de dizer o nome, como no caso de um telefonema, por

exemplo.

O rompimento do princípio de alternância de turnos conversacionais, assim como nos dois exemplos anteriores, ocorre na abertura da próxima conversação. Trata-se de uma interação ocorrida no período das férias escolares. Nesse caso, esse elemento do contexto temporal escolar não está inscrito linguisticamente nos turnos, contudo na data do ocorrido, acessada pelo registro na rede social virtual. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

A reciprocidade da busca por uma interação polida entre a professora e uma aluna, no bate-papo educacional via *Facebook*, ocorre no seguinte exemplo:

Exemplo 3

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
10/05/2012	19h59	LAIS	CAROLINA	Oiii fessora Tudo bem?
10/05/2012	19h59	CAROLINA	LAIS	oi jóia

Tanto o cumprimento como o questionamento, nessa ocorrência, são retomados pela professora, demonstrando menor assimetria entre as locutoras mais engajadas e, conseqüentemente, mais responsivas na conversação, considerando os outros exemplos. O "oi" com repetição da última vogal e, até mesmo, a falta da pontuação, indicam marca de oralidade informal. A repetição do "oi" pela interlocutora também assemelha a uma ocorrência comum em práticas orais, explicada por Assis (2002), quando a autora relaciona a estratégia de colagens em e-mails ao aproveitamento da fala alheia que ocorre na conversação espontânea. Nesse dia, os turnos conversacionais não ocorreram mais porque o evento é constituído por apenas esses dois turnos. Não foi possível recuperar quem desconectou do *chat* primeiro, pois a ferramenta não registra esse dado. Entretanto, considerando os dados disponíveis, a temática é a respeito da saudação e da resposta imediata, no mesmo minuto.

O bate-papo educacional e o fechamento dos eventos linguísticos

A análise do fechamento da conversação em um *chat* educacional, feita por Fávero (2010), apresenta diferenças entre a forma como professora e alunos saem da sala virtual. A saída da profissional é marcada por justificativas e a dos alunos por menções à possibilidade de encontros futuros. De modo semelhante, na despedida da interação no bate-papo do *Facebook*, a docente expõe o motivo para sua saída, mesmo as interações não sendo agendadas previamente, como ocorrido no *chat* educacional analisado por Fávero (2010).

Exemplo 4

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
10/12/2012	10h44	CAROLINA	LAÍS	Preciso ir, pois tenho uma prova para fazer bjo

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
10/12/2012	10h40	LAÍS	CAROLINA	tchau bjs

O discurso didático impera nos tópicos discursivos como as causas para a desconexão. Além disso, na maioria das ocorrências analisadas, é a profissional quem toma a iniciativa de romper com a conversação. Esse quarto exemplo também pode ser analisado no nível da modalização pragmática, iluminado o fato de a locutora demonstrar que existe uma tarefa profissional limitadora da continuidade da conversação. A repetição de "bjos" em "bjs" é outra estratégia de aproveitamento da fala alheia, apresentando o "tchau" como item novo. No exemplo seguinte, a locutora, mais uma vez, modaliza seu desejo pela finalização do evento.

Exemplo 5

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
15/05/2012	21h35	CAROLINA	SABRINA	LINDA, PRECISO DESCONECTAR PARA ESTUDAR VIU! DEPOIS NOS FALAMOS MAIS. ATÉ AMANHÃ
15/05/2012	21h35	SABRINA	CAROLINA	até amanhã fessora ! bom estudo ..haha
15/05/2012	21h36	CAROLINA	SABRINA	OBRIGADA !!!
15/05/2012	21h36	SABRINA	CAROLINA	nada Boa noite!

Nesse fechamento do evento também há o marcador fático "viu", funcionando de maneira parecida a quando, em uma conversação oral, o locutor faz o uso de "né" para garantir a atenção do interlocutor. A diferença é que, na conversação face a face, a troca de olhares e gestos é possível, o que não ocorreu nesse exemplo, que ocorre sem provocar o rompimento do turno para a confirmação da verificação de atitude responsiva. Mais uma vez, a causa para o rompimento com o evento é exposta. O aproveitamento de termos da fala do interlocutor também é um recurso presente no turno da aluna, por meio da repetição da estrutura "até amanhã". A docente, em todos os dados analisados, somente variou o tópico discursivo de suas explicações, quando a instauração do primeiro turno da aluna ocorreu num período de férias escolares, pois, como demonstrado nos dados registrados na ferramenta para a abertura do evento, o contexto geral esclarecia a demora da resposta da professora e a alteração em sua maneira de saída. Vejamos:

Exemplo 6

04/01/2012	15h37	CAROLINA	MARÍLIA	bjinhos e ótimas férias!
------------	-------	----------	---------	--------------------------

04/01/2012	15h37	MARÍLIA	CAROLINA	para vc tam- bem
------------	-------	---------	----------	---------------------

O fechamento é breve e, nessa ocorrência, a interlocutora recorre a uma forma que recupera implicitamente o tópico discursivo afetivo e o de votos de “ótimas férias”, ao mesmo tempo.

O bate-papo educacional e tópico discursivo do evento linguístico

O próximo exemplo representa outros que seguiram uma tendência das conversações do bate-papo não apresentarem variação tópica, aproximando-se do padrão observado, por Assis (2002), em e-mails, comparados a cartas interpessoais. As mensagens do bate-papo, é claro, podem variar mais ou menos sua extensão na quantidade de tópicos, dependendo do nível de convívio entre os interlocutores. Atente-se para o seguinte exemplo, diferente dos outros, apresentando tanto a abertura como o fechamento para ilustrar uma nova ocorrência.

Exemplo 7

DATA	HORA	LOCUTOR	INTERLOCUTOR	INTERVENÇÃO
04/01/2012	15h19	JOANA	CAROLINA	Oi prof o livro de português mudo???
04/01/2012	15h36	CAROLINA	JOANA	me responde por favor!!!
04/01/2012	15h36	JOANA	CAROLINA	Oiiiiiiiiii cheguei agora! o livro mudou a edição sim
04/01/2012	15h37	CAROLINA	JOANA	a ta obrigada

Dessa vez, a repetição da vogal “i” no item “oi”, diferentemente do exemplo três, indica o entendimento da ansiedade da interlocutora em ser ouvida que, em alguma medida, ocorre em função da necessidade de demonstração de uma preocupação com a solicitação direta “me responde por favor!!!”. Verifica-se, nesse exemplo, uma marca de polidez negativa, caracterizando-se como uma tentativa de suavizar ou moderar o ato de linguagem, pedido direto de resposta sobre a mudança ou não do livro didático. A marca on-line não garante a resposta e também pode ser lida como algo responsável pela situação conflitante. (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). A repetição da pontuação, no turno da professora Carolina, dessa maneira, atua como uma forma de demonstração de disponibilidade para participar da interação, sinalizando a possibilidade de esclarecimento da dúvida. Trata-se de uma forma de amenizar a demora na manifestação da professora. Interessa, sobretudo, esclarecer que a seleção deste terceiro exemplo objetiva enfatizar a ocorrência de algo inexistente nos outros: o primeiro e o segundo turno da aluna Joana ocorrem no intervalo de dezessete minutos, demonstrando uma indecisão sobre a presença ou ausência da interlocutora no bate-papo. No *chat* educacional, analisado por Fávero (2010), após a saída da professora da sala virtual, uma mesma aluna abre e fecha um novo tópico discursivo sobre prováveis dificuldades nos conteúdos das aulas, após perceber a falta de resposta dos colegas. A

ocorrência no *Facebook* sinaliza outra função do rompimento do princípio de alternância dos turnos, com o efeito de ameaça à face positiva da interlocutora e a demonstração do pressuposto de omissão. As estruturas “por favor”, ao final do pedido, e “me responde”, funcionam como formas de polidez negativa. Note-se que, além dessas marcas, a aluna sinaliza o distanciamento da conversação ao acionar o papel social da professora, “prof”, na abertura da interação. No último turno conversacional, “a tá” funciona como um marcador fático, demonstrando um desejo em demonstrar o entendimento da confirmação do seu questionamento sem apresentar nenhuma apreciação.

Considerações finais

A presença recorrente de tópicos discursivos vinculados a itens lexicais próprios do domínio da escola demonstra a inexistência de uma liberdade absoluta na escolha do tópico.

O uso do bate-papo do *Facebook* entre professora e alunos não rompe com a adequação do conteúdo temático esperado para interações casuais entre esses atores no corredor da escola, por exemplo. O discurso didático imperou, agregando uma função escolar ao bate-papo analisado. Os recursos de abertura demonstram uma conversação voltada para o tópico ou, como percebido em uma situação, voltada também para a demonstração de engajamento interativo entre os interlocutores. As duas primeiras formas de fechamento apresentaram uma tendência da professora em justificar sua saída, o que não ocorreu em um fechamento de um evento ocorrido fora do período escolar. A descrição de algumas das regularidades vinculadas tanto à modalidade oral quanto a escrita da língua portuguesa demonstrou um bate-papo que se valeu de várias lógicas linguísticas (e não apenas de uma ou outra). Entretanto, precipitaríamos em defender que tais regularidades instauram um novo gênero textual bate-papo educacional ou uma nova modalidade da língua. Partimos, portanto, do posicionamento de Marcuschi (2002) sobre a tendência de maior limitação das estruturas linguísticas aos gêneros textuais orais e escritos e, conseqüentemente, às práticas simbólicas que orientam a atuação dos sujeitos. Assim, as formas de abertura e fechamento são, a nosso ver, orientadas por interações fora do ambiente virtual e não apenas pelos conhecimentos dos interlocutores das formas de atuar nesse espaço.

Abstract

This article's purpose is to analyze the forms of opening, closing and discussion topics of a virtual social network chat, seeking to understand a little about the interactions occurring between or among professor and students. The interest in intertwining relationships between discourses about the teacher's interaction of the mother language was the reason for this article, resultant from discussions between the two professors, authors of the research. The article is an approach based on qualitative methodology, supported by the method of documentary recording and analysis of 23 events, among which, seven will be presented. The preliminary conclusions of the linguistic aspects analyzed demonstrate that school discourse dominates in discussion topics. The opening resources demonstrate a breaking away from the principle of interchange of turns or negotiated conversations around a central topic. In only one of the events was the principle maintained, demonstrating a trend on the part of the professor in justifying her exit from the chat with topics of a scholastic nature, which did not occur in the closing of an event occurring during the holidays.

Keywords: Chat. Opening. Closing. Discussion topic.

Referências

- ASSIS, Juliana Alves. **Explicitação/implicitação no e-mail e na mensagem em secretária eletrônica**: contribuições para o estudo das relações oralidade/escrita. 2002. 281f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M; VOLOCHÍNOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12ed. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 114-132.
- FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* Interação em diferentes contextos. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (Org.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010. p. 91-158.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006. 143 p.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais & Ensino. In: **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. Rio de Janeiro: LUCERNA, 2002, p. 19-36.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 133p.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 195p.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudo da língua falada e aula de língua materna**: uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- MORATO, Edwiges. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2001, v. 3. p. 311-351.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. In: COSCARELLI, Carla; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005, p.125-149.
- SOBRAL, Adail. A estética em Bakhtin (literatura, poética e estética). In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (Org.). **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.